

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e, VII e 14.

Diretor-Geral
Paulo Cabral de Araújo

Diretor-Superintendente
Edilson Cid Varela

Diretor-Responsável
Ari Cunha

Editor-Geral
Ronaldo Martins Junqueira

Gerente-Geral
Alberto de Sá Filho

Gerente Financeiro
Evaristo de Oliveira

Gerente Técnico
Ari Lopes Cunha

Gerente Comercial
Mauricio Dinepi

Perspectivas favoráveis

A garantia oferecida pelo presidente Sarney ao senador Albano Franco, presidente da Confederação Nacional da Indústria, no sentido de que o Brasil não corre riscos hiperinflacionários repousa em indicadores de razoável confiabilidade. Tanto assim que o líder empresarial da parcela mais sensível do sistema econômico, após avaliação serena dos dados em poder do Governo, já não cultiva temores em relação a um crescimento anômalo dos preços gerais da economia, pelo menos a médio prazo.

Se, de um lado, há ainda ousadas ações especulativas de setores dispostos a praticar até o enriquecimento ilícito, de outro há reações consistentes no ponto extremo do consumo. Em São Paulo, por exemplo, número significativo de contratos de intermediação entre comércio e indústria foi cancelado, devido à retração da demanda provocada por um aumento injustificado de preços nas fontes de produção. As leis da economia de mercado atuaram, no caso, para frustrar ambições desmedidas de áreas sempre empenhadas na obtenção de lucros imorais.

Porém, não foram apenas os sintomas de equilíbrio no funcionamento das relações mercantis, mesmo na vigência de perturbações na composição de custos e preços, que tranquilizaram o senador Albano Franco. A sustentação de reservas cambiais adequadas, algo em torno de 6.5 bilhões de

dólares, o engessamento conjuntural da economia por meio da indexação, a permanência da competitividade tecnológica da indústria e o desempenho da política cambial constituem-se nas razões ainda mais sólidas para fortalecer a crença de que o Brasil não enfrentará a hiperinflação.

Além do mais, os excedentes líquidos do comércio exportador deverão alcançar, até final do presente exercício, importância próxima dos dezenove bilhões de dólares, apesar da política protecionista praticada pelos Estados Unidos. Convém esclarecer, quanto a este último tópico, que o Brasil desenvolve ações diplomáticas de larga envergadura para converter Washington à liberdade de competição, pelo menos no que diz respeito ao comércio com os países latino-americanos. Por sinal, à exceção do México e da Jamaica, os povos do Continente, sob inspiração da política exterior brasileira, acabam de rubricar em Cartagena exortação aos EUA para que aposentem os expedientes mercantilistas.

Todas as variáveis econômicas, pois, convergem no sentido de bloquear aquelas condições infra-estruturais que empurraram a Argentina para o caos hiperinflacionário. E, depois da conversa com Sarney, mais se robusteceram as convicções de Albano Franco nesse sentido. E a posição da indústria é vital para estancar os focos psicológicos da inflação, por sinal dos mais graves instrumentos para seu descontrole.